

PRESEÇA DO LAZER NOS TRABALHOS DE CAMPO EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM TURISMO NO BRASIL: AMBIGUIDADES, DILEMAS E DESAFIOS

Edwaldo Sérgio dos Anjos Junior*, Christianne Luce Gomes** & Romilda Aparecida Lopes***

Resumo

Este trabalho visa discutir de que maneiras os trabalhos de campo se fazem presentes junto a práticas de ensino de docentes brasileiros de cursos de graduação em turismo. Além disso, espera-se compreender como os educadores que realizam trabalhos de campo compreendem a presença do lazer nas práticas educativas da educação superior em turismo. Os principais conceitos debatidos são concernentes à reflexão sobre as relações entre lazer e educação e a presença dos trabalhos de campo na literatura científica em língua portuguesa na área de turismo no Brasil. Para se alcançar os objetivos propostos, optou-se por utilizar os seguintes aparatos metodológicos: i) pesquisa bibliográfica; ii) pesquisa documental; iii) entrevistas; e iv) análise qualitativa. A análise dos dados utilizou ferramentas analíticas oriundas da Análise do Discurso e de entrevistas realizadas com 34 docentes de dezenove cursos de graduação em turismo do Brasil. Dessa maneira, a partir deste estudo, espera-se contribuir para a reflexão sobre a importância dos trabalhos de campo para os cursos de graduação em turismo, bem como sobre os desafios e as contribuições dessa prática de ensino para a ampliação de saberes e fazeres na formação de bacharéis em turismo. Os resultados demonstram a existência de entendimentos diversos quanto às terminologias empregadas para se referir a essa prática educativa, não deixando claros os significados que cada uma delas abrange. Além disso, os dados apontam para a existência de um campo de tensões quanto ao reconhecimento da presença do lazer nessas iniciativas.

Palavras-chave: Trabalhos de Campo. Cursos de graduação em turismo. Lazer.

PRESENCE OF LEISURE IN FIELDWORK IN UNDERGRADUATE TOURISM PROGRAMS IN BRAZIL: AMBIGUITIES, DILEMMAS AND CHALLENGES

Abstract

This paper aims to discuss the ways in which fieldwork is present in the teaching practices of Brazilian professors in undergraduate tourism programs. In addition, it seeks to understand how educators who make use of fieldwork perceive the presence of leisure in educational practices in higher education in tourism. The main concepts discussed concern reflections on the relationships between leisure and education, as well as the presence of fieldwork in Portuguese-language scientific literature in the field of tourism in Brazil. To achieve the proposed objectives, the following methodological procedures were adopted: (i) bibliographical research; (ii) documentary research; (iii) interviews; and (iv) qualitative analysis. Data analysis drew on analytical tools from Discourse Analysis, based on interviews conducted with 34 professors from nineteen undergraduate tourism programs in Brazil. In this way, the study seeks to contribute to reflections on the importance of fieldwork for undergraduate tourism programs, as well as on the challenges and contributions of this teaching practice to broadening knowledge and practice in the education of tourism graduates. The results reveal the existence of diverse understandings regarding the terminology used to refer to this educational practice, without making clear the meanings encompassed by each term. Furthermore, the data indicate the existence of a field of tensions concerning the recognition of the presence of leisure in these initiatives.

Keywords: Fieldwork. Undergraduate tourism programs. Leisure.

PRESENCIA DEL OCIO EN LOS TRABAJOS DE CAMPO EN CARRERAS DE GRADO EN TURISMO EN BRASIL: AMBIGÜIDADES, DILEMAS Y DESAFÍOS

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo discutir de qué maneras los trabajos de campo están presentes en las prácticas de enseñanza de docentes brasileños de carreras de grado en Turismo. Asimismo, se busca comprender cómo los educadores que hacen uso de trabajos de campo comprenden la presencia del ocio en las prácticas educativas de la educación superior en Turismo. Los principales conceptos debatidos se refieren a la reflexión sobre las relaciones entre ocio y educación, así como a la presencia de los trabajos de campo en la literatura científica en portugués del área del turismo en Brasil. Para alcanzar los objetivos propuestos, se optó por emplear los siguientes dispositivos metodológicos: i) investigación bibliográfica; ii) investigación documental; iii) entrevistas; y iv) análisis cualitativo. El análisis de los datos se basó en herramientas analíticas provenientes del Análisis del Discurso, a partir de entrevistas realizadas con 34 docentes de 19 carreras de grado en Turismo en Brasil. De este modo, se espera que el estudio contribuya a la reflexión sobre la importancia de los trabajos de campo para las carreras de grado en Turismo, así como sobre los desafíos y las contribuciones de esta práctica de enseñanza para la ampliación de saberes y prácticas en la formación de licenciados en Turismo. Los resultados demuestran la existencia de comprensiones diversificadas respecto de las terminologías utilizadas para referirse a esta práctica educativa, sin dejar claros los significados que cada una de ellas abarca. Además, los datos señalan la existencia de un campo de tensiones respecto del reconocimiento de la presencia del ocio en estas iniciativas.

Palabras clave: Trabajos de campo. Carreras de grado en turismo. Ocio.

HOW TO CITE: Anjos Junior, E. S. dos, Gomes, C. L. & Lopes, R. A. (2025). Presence of leisure in fieldwork in undergraduate tourism programs in Brazil: ambiguities, dilemmas and challenges. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, v. 15, n. 1 (Edição Regular – Seção Temática: Turismo Pedagógico), 1 – 13, Jan./Dez. Retrieved from: <https://periodicos.uff.br/index.php/abet/article/view/50848>
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17630824>



Licenciada por Creative Commons
4.0 / Internacional
CC BY 4.0

* Doutorado em Estudos dos Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Licenciado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professor Associado do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora e da Especialização em Gestão Pública de Turismo e Desenvolvimento Regional. Líder do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Educação e Lazer (DELAZ) que atua em pesquisas e projetos de ensino e extensão nas áreas de lazer, educação e patrimônio cultural. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8391656015577874>; Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4138-5758>; [edwaldo.anjos@uff.br]

Nota biográfica dos demais autores ** e *** continua no final do texto, após as referências bibliográficas.

1 INTRODUÇÃO

Nas diretrizes curriculares dos cursos de graduação em Turismo do Brasil, chama a atenção que os trabalhos de campo sejam mencionados apenas uma vez. No 5º artigo do documento, que trata dos campos de formação do estudante, essas atividades pedagógicas são denominadas de “visitas técnicas”. Esse termo se faz presente no item III - “Conteúdos teórico-práticos”, no qual o documento destaca a necessidade de que os estudantes realizem estudos em espaços de fluxo turístico, “compreendendo visitas técnicas” (Brasil, 2006, p.3).

Além de possibilitar a contextualização, a ampliação e o aprofundamento dos conteúdos estudados em sala de aula, o trabalho de campo favorece o contato com o mercado de trabalho e com diferentes formas de organização social, aprimorando a formação profissional, educacional e pessoal do estudante de turismo. Todavia, a expressão “visitas técnicas” pode obliterar outros arranjos do trabalho de campo, como o estudo do meio e/ou a coleta de dados que poderão fundamentar pesquisas futuras.

A existência de uma leitura dos trabalhos de campo que restringe as possibilidades dessa prática pedagógica a algo circunscrito à materialização de conteúdos teóricos trabalhados em sala de aula, pode favorecer a invisibilização de diferentes saberes e experiências. O que se infere é algo próximo da lógica de que associaria a visita técnica apenas à oportunidade de colocar “cara a cara” a teoria, o didático, o pedagógico, com a prática, com a realidade [...]” (Veloso, 2003, p. 25-26).

O discreto espaço dedicado ao trabalho de campo nessas diretrizes curriculares parece reverberar também na produção acadêmica sobre o tema no Brasil. Essa produção não só é quantitativamente baixa, como também apresenta uma multiplicidade de terminologias para problematizar o deslocamento de atividades de ensino-aprendizagem para contextos outros que não a sala de aula tradicional.

A despeito do emprego de diferentes terminologias, as mais recorrentes são visitas técnicas, turismo pedagógico, visitas de campo e pesquisas de campo (Cooper, 2001; Veloso, 2003; Carvalho; Vieira & Viana, 2012). As análises acerca dos trabalhos de campo junto aos cursos superiores de turismo no Brasil, embora reconheçam os benefícios dessa iniciativa, sobretudo no que se refere à oportunidade de aliar teoria e prática, tratam a temática do lazer com superficialidade, inclusive instrumentalizando-o para fins educacionais. Assim, indaga-se: de que maneiras os trabalhos de campo são concretizados por docentes de cursos de graduação em turismo no Brasil, e como o lazer perpassa essas práticas didático-pedagógicas?

Nesse ínterim, Veloso (2003, p.65) defende que a “visita técnica não deve ser tratada como simples passeio”. Brito, Ros e Perinotto (2012), ao mobilizarem a categoria do turismo pedagógico como uma possibilidade privilegiada de realizar trabalhos de campo com fins didático-pedagógicos e “de forma lúdica” (p.10), reconhecem as vantagens dessa prática em relação ao aprendizado dos estudantes. Carvalho, Vieira e Viana (2012), contudo, ao reforçarem a importância dos discentes planejarem a própria viagem e sistematizar a coleta de dados, não tratam de possibilidades de lazer ao longo do artigo redigido por eles próprios.

Posto isso, o **objetivo** deste texto é discutir de que maneiras os trabalhos de campo se fazem presentes nas práticas didático-pedagógicas de docentes de cursos de graduação em turismo no Brasil. Além disso, **visa-se** compreender como os educadores que realizam trabalhos de campo compreendem a presença do lazer e da educação superior no turismo.

Como **justificativa** para a presente investigação, ressalta-se que o estudo apresenta caráter inédito, haja vista que, nas análises existentes, ainda não há debate sobre as práticas de ensino de docentes de diferentes instituições de ensino superior em turismo, que articulam o lazer e a educação.

Feitas essas considerações, é oportuno salientar a **estrutura** deste trabalho, que é subdividido em quatro seções. O próximo item problematiza a relação entre lazer e educação, buscando, em seguida, apresentar como o tema dos trabalhos de campo se faz presente na produção científica relativa ao ensino superior de turismo no Brasil. A terceira seção será dedicada aos procedimentos metodológicos empregados ao longo desta investigação. Na sequência, tem-se a seção 4, em que se tem a análise e a discussão dos resultados. Por fim, à guisa de conclusão, o último bloco deste artigo é dedicado às considerações finais.

2 NOTAS METODOLÓGICAS

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva. Além de analisar as diretrizes curriculares dos cursos superiores de turismo no Brasil, buscou-se subsidiar teoricamente esta investigação por meio de uma pesquisa bibliográfica. Assim, foi realizado um levantamento no Portal de Periódicos da CAPES, optando-se pelos seguintes critérios: publicações sem delimitação temporal e comando de busca “todos os campos”. Chegou-se a 52 artigos com o termo “trabalhos de campo curso de turismo” e, posteriormente, a 12 artigos com o termo “visitas técnicas curso de turismo”, além de 10 trabalhos com a seguinte expressão: “viagens práticas curso de turismo”.

Dos 74 trabalhos evidenciados nessa etapa, importa considerar que, do primeiro grupo, foram desconsiderados, após análise dos resumos, 49 publicações, tendo em vista que não se tratavam de visitas técnicas em cursos superiores de graduação em turismo, ou se debruçaram sobre diferentes aspectos do “campo de trabalho do turismo”, ou, ainda, eram relativos a trabalhos de campo de cursos técnicos de turismo ou de cursos superiores de Geografia. Restaram, dessa forma, as publicações de Schulze (2005), Nora (2011) e Mendes *et. al.* (2017).

Já dos grupos de trabalho oriundos da pesquisa a partir de “visitas técnicas curso de turismo” e “viagens práticas curso de turismo”, optou-se pela exclusão de 19 trabalhos, haja vista que se dedicaram ao uso de visitas técnicas por diferentes cursos de graduação. Além disso, optou-se por descartar um trabalho por congregar, numa mesma amostra, estudantes de Turismo e de outros cursos de graduação. Desse modo, identificaram-se duas pesquisas ligadas à discussão dos trabalhos de campo junto a cursos superiores de turismo: as pesquisas de Ulian (2017) e Kiyotani; Araújo e Oliveira (2022).

Para investigar de que maneira os docentes de cursos superiores de turismo compreendem os trabalhos de campo e o lazer, realizaram-se entrevistas com 34 professores de 19 cursos de graduação em turismo no Brasil. Essas entrevistas, de cunho semiestruturado, tiveram início em 02 de fevereiro de 2021 e se estenderam até 06 de abril de 2021. Elas foram realizadas via Google Meet (exceto para os dois inquiridos, que apresentaram as respostas por escrito) e todos firmaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade responsável pela investigação. A gravação de áudio e de som se deu por meio do *software* Movavi Screen Recorder 21.

Quanto ao grupo pesquisado, do ponto de vista geográfico, sete entrevistados são oriundos da Região Norte do Brasil, quatro são da Região Sul, três estão localizados na Região Nordeste, cinco são vinculados a instituições da Região Centro-Oeste e 15 atuam na Região Sudeste do país. A partir de uma lógica espacial mais refinada, atesta-se que cinco professores estão ligados ao estado do Amazonas e dois do Tocantins; do Sul, três são advindos do Rio Grande do Sul, enquanto um é do Paraná; da região Nordeste, um está ligado ao estado de Sergipe, outro para o Rio Grande do Norte e, por fim, um é vindo do estado do Piauí; da Região Centro-Oeste, uma está associada ao estado de Goiás, um de Mato Grosso e três do Mato Grosso do Sul; referindo-se ao Sudeste, três são de Minas Gerais, cinco do Rio de Janeiro e sete de São Paulo.

Das 19 instituições às quais os professores estão ligados, dois são associados a uma instituição comunitária, seis educadores estão vinculados a quatro instituições privadas e 26 professores vêm de 14 instituições públicas. Ao considerar a modalidade dos cursos, cinco entrevistados estão vinculados a cursos de tecnologia, enquanto 29 estão associados ao bacharelado em turismo. Finalmente, todos os respondentes estão associados a cursos, cuja modalidade é presencial. E, para resguardar o anonimato dos entrevistados, optou-se por usar codinomes ao mencioná-los neste trabalho.

Quanto à análise dos depoimentos de 34 docentes de cursos superiores de turismo, optou-se por realizar o estudo com base em ferramentas oriundas da análise crítica do discurso: primeiramente, espera-se debater os aspectos da **seleção lexical** (Fiorin, 2007), a fim de compreender as diferentes terminologias empregadas no uso desse método de ensino. Ao salientar aspectos da seleção lexical, almeja-se identificar aquela que é a estratégia discursiva mais elementar do intradiscurso, por sua vez, o conjunto de textos que manifestam um discurso (Faria *in* Carrieri *et. al.*, 2009). Desse modo, na análise empreendida, considerou-se a escolha do vocabulário utilizado pelos professores, sua alocação ao longo dos textos e o uso de determinadas figuras de linguagem presentes nesses registros textuais, em detrimento de outras.

A seleção lexical, como aspecto básico do discurso, permite a visualização de todos os demais aspectos linguísticos, como a identificação de temas e figuras, bem como das ideias defendidas e, consequentemente, das ideias combatidas. Ao reconhecer que o discurso não é algo eminentemente individual, diferentemente da fala, é necessário considerar sua dimensão social e histórica, o que

permite afirmar que nenhuma construção discursiva é neutra. Isso porque todo discurso também é perpassado por outros discursos, ou seja, guarda uma conexão explícita ou implícita com outras manifestações discursivas, seja de oposição, seja de afinidade (Faria *in* Carrieri *et. al.*, 2009).

3 APONTAMENTOS SOBRE LAZER E EDUCAÇÃO

Primeiramente, é oportuno considerar que o lazer está relacionado a outros fenômenos sociais, de modo que não é possível percebê-lo como algo isolado (Gomes, 2011). Rolim (1989), Marcellino (1990), Gomes e Elizalde (2012) defendem a importância de uma educação capaz de contemplar o lazer, reconhecendo as contribuições dessa manifestação sociocultural para o processo educacional.

É possível perceber o lazer no processo educativo vinculado a diversas iniciativas em que a criatividade (Rolim, 1989) e a ludicidade (Gomes & Elizalde, 2012) se façam presentes. Se a ludicidade estivesse calcada em vivências educacionais centradas no estímulo aos sentidos, no brincar e na exaltação das emoções (Gomes, 2014), a criatividade far-se-ia presente sobretudo por intermédio de práticas centradas na criação, na invenção e no estabelecimento de inovações no processo de ensino-aprendizagem.

Articular o lazer e as iniciativas levadas a efeito no processo de ensino-aprendizagem implica, portanto, numa certa ruptura epistêmica com a tese de que o lazer seria uma espécie de “tempo livre”, que surgiria como um tipo de “suposto tempo de liberdade, de liberação das amarras, obrigações e contradições presentes no mundo do trabalho” (Gomes & Elizalde, 2012, p. 122). Ou seja, não parece adequado conceber o lazer plenamente desvinculado do labor e da educação. Nesse sentido, a proposta de Gomes (2014) pode apontar caminhos ao compreender as vivências de lazer articuladas às demais experiências sociais. Desse modo, não faz tanto sentido indagar se uma dada vivência estaria apenas no campo do lazer, do trabalho ou da educação. Antes, pode-se pensar não só num tempo/espço socialmente construído para o lazer, mas também em experiências clivadas por diferentes significados. Neste caso, ações didático-pedagógicas não só compreendidas como constituintes do campo educacional, mas também ligadas aos lazer.

Parte-se do pressuposto de que o lazer é, antes de tudo, uma manifestação cultural. Assim, é possível considerar que suas diferentes manifestações seriam expoentes de práticas intimamente associadas a uma extensa rede simbólica permeada por sentidos, valores, intencionalidades, tradições e costumes. Logo, torna-se relevante reconhecer, assim como Gomes (2014), que o lazer é uma necessidade humana, havendo, também, diferentes formas de se satisfazer a esse anseio. Outro aspecto pode ser considerado como inerente às experiências de lazer: a ludicidade, aqui entendida como uma linguagem centrada no estímulo aos sentidos, no gozo, no desfrute e intimamente calcada na imaginação (Gomes, 2014).

Por fim, importa reconhecer outro desafio nessa relação entre lazer e educação: o predomínio do paradigma da recreação no ensino dos cursos de graduação em turismo no país (Anjos Júnior, 2021). A recreação, os jogos e as

atividades prazenteiras, sobretudo para as crianças, seriam aquelas tipologias mais amplamente difundidas no país, relativas às articulações entre lazer e educação. Tais práticas culturais acabaram por se engendrar nos processos de ensino-aprendizagem, em que pese o papel da Educação Física nesse quesito, na medida em que acabaram por difundir práticas centradas no brincar orientado como sinônimo de lazer (Gomes, 2008).

Desse modo, é possível vislumbrar que a educação superior em turismo tende a dar continuidade a uma tradição de ensino que apresenta ambiguidades em torno do lazer, seja por desconhecê-lo, negligenciá-lo ou associá-lo a atividades divertidas oriundas de manuais de jogos e dinâmicas. Essa sistemática corresponde à recreação operacional, em que alguém define as atividades recreativas a serem desenvolvidas, enquanto os demais apenas executam, sem possibilidade de reflexão sobre os sentidos e fundamentos dessa prática.

Parte-se, a seguir, para uma breve síntese acerca da presença de trabalhos de campo e de lazer nos cursos superiores de turismo, com base na produção científica nacional que problematiza o tema dessas incursões a campo.

4 PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA ACERCA DOS TRABALHOS DE CAMPO EM CURSOS SUPERIORES DE TURISMO

Importa assinalar que a produção científica brasileira em torno dos trabalhos de campo desenvolvidos em cursos superiores de turismo é escassa e incipiente, no que diz respeito aos artigos publicados em periódicos disponíveis no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O primeiro artigo sobre o tema, identificado no banco de dados, é de autoria de Schulze (2005). Foi publicado no periódico *Olhar de professor*, ligado à área de educação. Nora (2011) assina o segundo trabalho (um resumo) que foi publicado em 2011 na Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur), que também publicou um terceiro trabalho, de Mendes *et al* (2017). Já a quarta produção acadêmica, de Uilian (2017), foi publicada pela Revista de Graduação da USP, ao passo que, em 2022, foi publicado um quinto trabalho, de Kiyotani, Araújo e Oliveira (2022) na Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo.

Quadro 1 – Trabalhos de periódicos concernentes a trabalhos de campo nos cursos de turismo

Título do Trabalho	Palavras Chave	Autor(es)	Periódico
Em busca do Humanismo: um olhar sobre a visita técnica nos cursos de turismo a partir da teoria crítica em currículo.	Estratégias de aprendizagem, visita técnica, cursos de Turismo, teoria crítica em currículo	Schulz (2005)	Olhar de professor
O trabalho de campo para o profissional do turismo.	Ensino; Ecoturismo; Trabalhos de Campo.	Nora (2011)	Revista Brasileira De Ecoturismo
O Parque Nacional de Jericoacoara na percepção dos discentes do curso de Turismo da UFPA.	Ecoturismo; Percepção; Jericoacoara.	Mendes, <i>et.al</i> (2017)	Revista Brasileira de Ecoturismo
O Campo como Laboratório: Relevância das Viagens Didáticas na Formação do Profissional em Lazer e Turismo – Estudo de Meio em Curitiba/PR.	Curitiba; Lazer e Turismo; Viagem Didática.	Ulian (2017)	Revista De Graduação USP
Transpondo muros: as visitas de campo como metodologia de ensino-aprendizagem nos cursos de turismo.	Turismo. Processo de Ensino-aprendizagem. Visita de campo. Práxis educacional	Kiyotani; Araújo; Oliveira (2022)	Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo

Fonte: elaboração própria.

O quadro 1 permite que se visualize não apenas uma pequena produção acadêmica brasileira sobre o tema dos trabalhos de campo nos cursos de graduação em turismo, mas também que o material existente está disperso por um intervalo temporal relativamente extenso, de 17 anos.

Chama a atenção, nesta produção acadêmica, a diversidade lexical presente na própria denominação dos trabalhos de campo. Se os trabalhos de Schulze (2005) e Mendes *et. al.* optam pelo sintagma “visita técnica”, em consonância com as diretrizes curriculares dos cursos de Turismo (Brasil, 2006), as pesquisas de Nora (2011) e Ulian (2017) se valem do sintagma “trabalhos de campo”, embora o termo “viagens didáticas” se faça presente no título. Já o artigo de Kiyotani, Araújo e Oliveira, faz menção às “visitas de campo”.

Schulze (2005) defende a visita técnica como uma importante estratégia de ensino-aprendizagem no turismo e que, inclusive, não se esgota nela mesma, haja vista a necessidade, segundo o autor, de valorizar o pós-visita. Há ainda a crítica às visitas técnicas orientadas apenas para a discussão de aspectos mercadológicos do turismo,

desconsiderando, assim, todo um contexto socioeconômico e sociocultural marcado pela exclusão e pela desigualdade, como ocorre em diferentes regiões brasileiras. Por fim, há o respaldo a uma lógica cooperativa de organização da visita técnica, em que os discentes possam ter abertura à construção e problematização dessa prática juntamente ao docente.

Para Nora (2011), é essencial viabilizar visitas técnicas: uma lógica que defende que o profissional de turismo deva vivenciar experiências turísticas similares às atividades com as quais irá atuar depois de formado. Pelo que se depreende do texto, a iniciativa visa à ampliação do leque de atividades em torno do turismo. Mediante essa lógica, vivências pessoais outras que não centradas em aspectos profissionais parecem ter tido pouco espaço na reflexão.

Já Mendes *et al.* (2017) identificam o trabalho de campo como um importante instrumento de democratização de destinos turísticos, haja vista que diversos graduandos do curso superior de turismo da Universidade Federal do Pará nunca haviam realizado uma trilha, ação esta oportunizada

durante a visita junto ao Parque Nacional de Jericoacoara, no Ceará.

O autor explicita aspectos que geralmente são silenciados nas discussões em torno dessa estratégia de aprendizagem: a capacidade que as visitas técnicas têm de fomentar novas experiências de vida aos discentes, alargando, assim, os horizontes não apenas de elementos teórico-metodológicos do turismo e do mercado de trabalho, mas também dos próprios indivíduos.

Na pesquisa de Kiyotani, Araújo e Oliveira (2022) fica patente a preocupação das autoras em assinalar o seu entendimento de trabalho de campo. Inclusive, de forma reiterada ao longo do documento, defende-se a indissociabilidade entre teoria e prática, isto é, a necessidade de reconhecer que “articular teoria-campo torna-se chave para reflexões no alunado, motivando a investigação e a solução de conflitos” (p. 6).

Contudo, eleger o saber e sustentar o rigor do saber na produção técnica ancora-se, em muitos casos, na ideia de que apenas o saber científico é digno de credibilidade. Quaisquer formas de saber que não estejam alicerçadas no rigor científico não são reconhecidas como ciência e, assim, são marginalizadas pelo pensamento ocidental (Santos, 2010). Para Santos (2010, p.102), a monocultura do saber seria o modo de produção de uma não existência muito potente, uma vez que ela “consiste na transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e qualidade estética” e, portanto, há a relativização do saber erudito e acadêmico. Logo, os fragmentos dos textos revelam que o binômio universidade e visita técnica estabelece uma relação ora marcada pela disputa, ora pela cumplicidade.

Tal compreensão invisibiliza, dentre outras práticas, as experiências perpassadas pelo lazer durante os trabalhos de campo. Obliteraria oportunidades de diálogo com os estudantes acerca de suas impressões sobre a realidade e sobre si mesmos, reforçando o paradigma de uma educação cartesianamente dissociada de outros fenômenos socioculturais.

O trabalho de Ulian (2017) descreve a experiência de campo da disciplina Turismo e Transportes, realizada em Curitiba, que envolveu 89 estudantes do curso de turismo e lazer da USP. O objetivo foi apreender elementos dos diferentes modais de transporte. Isso retoma os pressupostos de Masetto (2003), ao defender não só a importância do ensino nas universidades se dar em outros ambientes que não só apenas o da sala de aula, como também a relevância da maior vinculação “entre a educação superior e o mundo do trabalho” (p.21). Chama a atenção, neste trabalho, o reconhecimento das experiências de lazer dos discentes, sobretudo porque elas poderiam desempenhar um papel complementar de enriquecimento das experiências, e não de competição com a proposta de trabalho. Como manifesto por um estudante de turismo:

Acho que a nossa viagem didática [...] ajudou a elucidar conceitos que vemos dentro da academia. Não só no que se refere aos transportes, mas também aos outros aspectos do turismo e do lazer. [...] (Ulian, 2017, p. 127).

Embora a autora ressalte, nas considerações finais, a importância do trabalho de campo para a compreensão dos elementos relativos ao trabalho do turismólogo, o artigo supracitado destaca as perspectivas dos discentes. Ao dar voz a eles, explicita suas respectivas leituras desta prática, inclusive ao associá-la também ao lazer.

5 TRABALHOS DE CAMPO E LAZER: A ÓTICA DOS DOCENTES

Em linhas gerais, as 34 entrevistas foram organizadas sob a lógica de seis temas fundamentais e, consequentemente, suas figuras associadas. O percurso temático mais percebido ao longo das entrevistas geralmente seguia a seguinte disposição: Educação, como tema inicial, acompanhado por temas do audiovisual, do turismo, das novas tecnologias e, posteriormente, do trabalho e do lazer.

Quanto ao tema do lazer, chama a atenção que, uma vez perguntados sobre as possibilidades de visualizar elementos do lazer na educação superior em turismo, 5 educadores mencionaram, de forma explícita, a realização de trabalhos de campo. Outros 3 educadores salientaram que estimulam a ida dos estudantes a campo, porém, em momentos fora do horário de aula, geralmente com o intuito de registrarem imagens, para realização de produções audiovisuais solicitadas pelo educador responsável pela disciplina.

Foi constatada a ausência dessa prática pedagógica (trabalho de campo) em 26 entrevistas. O silenciamento quanto a essa prática pode indicar que, institucionalmente, ela não é estimulada e/ou possível, haja vista que alguns educadores salientaram problemas de gestão das universidades aos quais estão vinculados.

Os 5 docentes que se valem de trabalhos de campo de forma recorrente em suas disciplinas de turismo são aqui denominados, mediante pseudônimos, por *José*, *Scarlett*, *Cecília*, *Michael* e *Moore*. Esses professores são responsáveis pelas seguintes disciplinas:

Quadro 2 – Disciplinas ministradas pelos docentes que realizavam trabalho de campo

Educador	Disciplina(s)
José	Mobilidades
Scarlett	Psicologia Aplicada ao Turismo; Meio ambiente e Turismo.
Cecília	Filosofia aplicada ao Turismo - Técnicas de pesquisa aplicadas ao Turismo I e II.
Michael	Planejamento e Gestão de Alimentos e Bebidas e Aspectos Psicológicos do Turismo.
Moore	Teoria Geral do Turismo; Projeto interdisciplinar do turismo; Campos Temáticos.

Fonte: elaboração própria.

A menção a trabalhos de campo feita por *José* traz consigo outros temas relacionados à educação: o tema do audiovisual, por intermédio da figura “vídeos”, o trabalho, percebido na figura “grupos de trabalho” e o lazer, visualizado nas atividades que seriam desenvolvidas ao longo da viagem.

O objetivo do trabalho de campo, segundo o educador, é permitir não só que os estudantes de turismo experimentem os diferentes modos de transporte, como também que exercitem um conjunto de habilidades relativas à roteirização, à administração de recursos e à operacionalização da reserva em meios de hospedagem. Desse modo eles vivenciam, na prática, algumas tarefas passíveis de serem realizadas por turismólogos.

Do ponto de vista da seleção lexical, o docente denomina a prática de “viagem didática”, haja vista que o deslocamento é feito para uma cidade diferente da qual os estudantes estão vinculados. Além disso, o docente pondera que os próprios discentes elaborem a viagem, de forma que todos os estudantes apresentem alguma incumbência associada à atividade, algo próximo da perspectiva adotada por Schulze (2005) salientada anteriormente. Todavia, quando indagado se seria possível visualizar elementos de lazer naquela vivência, o educador atesta que: “Não sei se ele estava em um momento de lazer, pois tinha uma tarefa. Envolve uma ludicidade, pelo menos.” (José).

Interessante observar, neste depoimento, a dúvida acerca da presença do lazer na prática. Isso porque se entende que o lazer não está nas atividades em si, mas sim na compreensão dos sujeitos envolvidos nela (Gomes, 2014), isto é, caberia aos próprios estudantes perceber, ou não, a presença do lazer. Todavia, o discente problematiza a presença de uma tarefa (tema do trabalho) como um possível obstáculo ao reconhecimento do lazer. De certa forma, se tem aí uma lógica binária que opõe trabalho e lazer. Parece necessário, portanto, considerar a importância de que as

“[...] dicotomias, fragmentações e hierarquizações necessitam ser enfrentadas de modo urgente para que a transformação social e a construção de um mundo mais humano e solidário sejam possíveis. Isto pode ser feito a partir de muitas frentes, mas nossa perspectiva é que o lazer ressignificado, problematizador, crítico, sinérgico e transformacional pode ser uma (e não a única) ferramenta importante para mobilizar experiências interculturais e educativas contra hegemônicas, contribuindo assim com uma aprendizagem para a transformação social e cultural (Gomes & Elizalde, 2012, p. 129).

Posto isso, é oportuno perceber, no excerto do educador, que o reconhecimento da presença da ludicidade já é um traço capaz de evidenciar experiências que se inter cruzam. Ou seja, mesmo num momento didático-pedagógico, é possível considerar que os estudantes experienciem, articulem e ressignifiquem a realidade e a si mesmos por intermédio da ludicidade, linguagem no qual o lazer se assenta.

A hipótese de que esse professor tende a considerar a possibilidade de que haja intersecções entre os fenômenos do lazer, da educação e do trabalho pode ser visualizada, inclusive, em outro trecho do depoimento de José:

“[...] Acho justo que possamos ter momentos de lazer exclusivos. Buscar superpor essas coisas talvez [...] não seja uma boa coisa. Pode ser que eles se superponham ou interpenetrem [...] mas não tenho certeza de que eu faria isso de forma objetiva, porque

o tempo do lazer é o tempo da troca de sentidos, troca de propósitos mesmo, então, no processo de ensino-aprendizagem, eu fosse me valer dos momentos de lazer algo um pouco injusto [...] se eu objetivasse isso.

Como observado, há o reconhecimento de clivagens entre distintos fenômenos socioculturais. Isso não minimiza, contudo, a própria importância de se haver tempos institucionalizados para o lazer, como evidenciado por Isayama e Gomes (2006) e Gomes (2008).

Outro educador que se vale dos trabalhos de campo é *Michael*. Do ponto de vista da seleção lexical, o docente opta pelo sintagma “trabalho de campo”. Os temas da educação e da viagem se materializam aqui nas figuras dos alunos e de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do interior do Paraná. Nesse caso, o objetivo é experienciar o turismo de aventura, em decorrência de uma reflexão sobre aspectos psicológicos presentes no turismo.

Ao ser questionado sobre a presença de elementos do lazer ao longo da disciplina, o educador afirma que consegue perceber esse fenômeno sociocultural, até porque ele não tem “[...] nenhuma dúvida de que é importante trabalhar os aspectos lúdicos, e que vão resultar depois no processo pedagógico.” (*Michael*). Digno de nota é que os trabalhos de campo foram a primeira prática de ensino mencionada por ele ao ser questionado sobre o tema do lazer.

Esse educador também utiliza, em suas aulas, elementos como jogos, brincadeiras e piadas. Ele considera que tudo isso tiraria “um pouco da carga da obrigação daquele conteúdo rígido.” [...]. Como também se observa, o reconhecimento da potência do lazer acaba por ser mobilizada para dirimir certos limites de uma educação superior tradicional, pois cansativa, muitas vezes maçante e centrada na memorização de conteúdos, geralmente transmitidos a partir de textos escritos (Anjos Júnior, 2021). Se o trabalho de campo tem, por um lado, a vantagem de estimular os estudantes de turismo a se engajarem no processo de ensino-aprendizagem, pode, por outro lado, esconder, por intermédio do uso de elementos mais vivazes, o real desafio: os limites de uma educação superior em turismo que, na maior tempo, pode ser desestimulante.

Já *Moore* utiliza os trabalhos de campo por meio da realização de eventos, como festivais de música e exposições de filmes voltados para crianças do ensino fundamental. Curioso perceber que, neste caso, não há o ensejo em observar elementos de uma hipotética realidade profissional do futuro turismólogo, mas a mobilização com vistas a intervir numa dada realidade. Desse modo, se tem menos uma prática associada à interação entre os estudantes com aspectos do mundo do trabalho do turismo e mais uma relação dos discentes com as diferentes formas de organização da sociedade.

Ao ser indagada se visualiza elementos do lazer nessas práticas, a educadora sinaliza positivamente, inclusive ao mencionar a figura da pipoca. Embora seja uma figura associada ao tema da alimentação, foi acionada como capaz de atestar a alegria e a descontração do evento, que, segundo ela, seriam expressões do lazer.

A docente assinala ainda que um dos objetivos dessas práticas, capazes de mobilizar os trabalhos de campo dos discentes, tem a ver com a tentativa de integrar a

comunidade e a universidade. É possível considerar que, neste caso, a educadora carrega aspectos da extensão universitária para a dimensão do ensino superior de turismo, isto é, fomenta a articulação entre universidade e sociedade por meio de diferentes iniciativas.

Outra iniciativa relativa à presença dos trabalhos de campo é conduzida por *Cecília*. Ela realiza, em seus próprios dizeres “City tours” com os discentes do curso superior de turismo da instituição em que atua. Nesse caso, o sintagma *city-tour* remete de forma mais explícita ao tema do turismo, neste caso o turismo pedagógico, que, aliás, é uma das formas mobilizadas para estruturar trabalhos de campo, tal como percebido no trabalho de Brito, Ros e Perinotto (2012).

Indagada sobre as razões de adoção de tal prática, a docente elenca que, diferentemente do que seus pares atestam, ela não estaria a perder horas-aula de ensino. Antes, considera que eles, os alunos, “ganham conhecimento e um conhecimento que eles vão levar para a vida.” (*Cecília*). Tal lógica tende a ir de encontro com os resultados obtidos na investigação de Anjos (2021), quando o pesquisador constata haver, dentre os professores de cursos superiores de turismo no Brasil, ênfase no trato de conteúdos relativos aos planos de ensino, minimizando possibilidades outras de desenvolvimento de competências, tal como apregoadas pelas próprias diretrizes curriculares da área:

Art. 4º O curso de graduação em Turismo deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

[...] X - domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana;

[...] XII - comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social (Brasil, 2006, p. 2-3)

Desse modo, algo relevante na prática de *Cecília* é o compromisso de possibilitar o florescimento de sentimentos estimulantes, de sonhos e de aspectos imaginativos no ambiente acadêmico. E o trabalho de campo seria um dos encarregados de favorecer que essa dimensão subjetiva do estudante pudesse ser valorizada. Algo próximo da lógica a seguir:

[...] O lazer poderá outorgar identidade (individual e coletiva) e autonomia a quem o vive. Assim, a educação baseada na aprendizagem transformacional vinculada ao lazer poderá entregar a possibilidade de vivenciar os processos educativos como algo próprio e não como algo externo, obrigatório e imposto por outros (Gomes & Elizalde, 2012, p. 155).

A educadora corrobora a perspectiva supracitada, quando uma educação fortemente perpassada por elementos de lazer. Isso porque, na sequência, ela afirma, ao ser indagada sobre a possibilidade de visualizar o lazer na educação superior de turismo, o seguinte:

Construir conhecimento não é uma coisa que a gente precisa fazer de forma sisuda e de forma fechada, né? Eu acho que a gente tem maneiras de produzir bom conteúdo, de produzir conhecimento e de fazer isso de forma leve, no sentido que as pessoas entendam aquilo que a gente está falando e o que a gente está se propondo a fazer, [...] Nesse contexto, produzir essas sensibilidades é uma coisa importante, porque [...] o lazer não é ficar ali só de pernas pro ar [...] tem a capacidade de adquirir saberes que você talvez nem esteja percebendo que está adquirindo”. (*Cecília*)

Como se observa, a figura *city-tour*, derivada do tema do turismo, é fortemente impregnada pelo tema do lazer e da educação. E a postura da educadora vai ao encontro da lógica defendida por Masetto (2003) ao reforçar a tese de que o ensino não carece de se circunscrever apenas ao espaço da sala de aula.

Por fim, a educadora *Scarlet* mobiliza o trabalho de campo em sua prática docente por meio do sintagma “visita técnica”. Neste caso, observa-se, a partir dos objetivos da iniciativa, que o propósito era, de fato, aproximar os futuros bacharéis de turismo da realidade do mundo do trabalho na área. Os discentes teriam que avaliar se membros de uma comunidade situada numa Área de Preservação Ambiental estavam aptos a receber turistas. Nesse caso, os estudantes teriam um papel não só de pesquisadores ao mensurar a experiência da visita, como também exercitarem um papel de visitantes, podendo, também, refletir sobre os sujeitos envolvidos na seara do turismo. Essa educadora também considera o lazer na sua prática docente de turismo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos de campo nos cursos superiores em turismo estão explicitados nas diretrizes curriculares dessas graduações. Ainda que sob a alcunha de visitas técnicas, modalidade de trabalho de campo intimamente identificado com conteúdos teórico-práticos e que, por vezes, minimiza a observação de elementos outros que transcendam aqueles legitimados nos planos de ensino, há pouca produção científica acerca do tema. Foi notória, também, a presença de diferentes terminologias para se referir aos trabalhos de campo, o que pode suscitar um profícuo campo de investigação, ao se procurar compreender melhor as diferenças entre as distintas expressões empregadas.

Na pesquisa bibliográfica, percebeu-se a prevalência de um modelo de educação superior que prioriza o saber acadêmico e a centralidade dos conteúdos no processo de ensino-aprendizagem, embora parte das pesquisas apontem os benefícios do trabalho de campo para o desenvolvimento de habilidades e enriquecimento pessoal. Além disso, observou-se a predominância da correlação entre trabalhos de campo e a melhora na conduta profissional dos futuros egressos, o que dificulta que outros saberes, possibilidades e conhecimentos advindos dessas experiências sejam valorizados.

Dos cinco artigos selecionados e analisados, um deles não tematiza o lazer: “O trabalho de campo para o profissional do turismo”. O artigo “Transpondo muros: as visitas de campo como metodologia de ensino-aprendizagem nos cursos de turismo” carrega consigo uma

visão negativa desse fenômeno social, ao compreendê-lo como um risco à perda da seriedade e do engajamento dos estudantes quando em campo, comportamentos esses desejados para um bom aproveitamento dessa estratégia de ensino. Essas duas formas de se pensar o lazer (silenciamento e ressalva) estariam alinhadas a uma lógica hegemônica que subalterniza fenômenos sociais e saberes outros que não aqueles legitimados socialmente, como o trabalho, a educação e a ciência.

Outros dois textos associam o lazer ao turismo apenas, não visualizando explicitamente elementos do lazer ao longo dos trabalhos de campo: "Em busca do Humanismo: um olhar sobre a visita técnica nos cursos de turismo a partir da teoria crítica em currículo" e o texto "O Parque Nacional de Jericoacoara na percepção dos discentes do curso de Turismo da UFPA". Entretanto, nesse último trabalho, o reconhecimento da presença de depoimentos de estudantes atestando a satisfação com a realização de trilhas pela primeira vez seria uma pista para a presença da ludicidade, embora o lazer não seja trabalho ao longo do artigo.

Já trabalho "O Campo como Laboratório: Relevância das Viagens Didáticas na Formação do Profissional em Lazer e Turismo – Estudo de Meio em Curitiba/PR" tematiza o lazer não apenas como possível campo de atuação dos estudantes, mas também como um componente presente nos trabalhos de campo, ainda que isso seja feito de modo implícito. Tal entendimento favorece a compreensão de que o lazer não é capaz de competir com o ensino superior em turismo, mas um fenômeno que pode contribuir para uma educação transformadora, crítica e dialógica, comprometida em valorizar os saberes, as leituras e as experiências dos estudantes, inclusive transcendendo os limites dos saberes científicos.

Quanto à análise da presença de trabalhos de campo nas práticas de ensino dos professores entrevistados, há algumas observações. Em geral, reconhecem a presença do lazer nos trabalhos de campo, ainda que nominem de diferentes maneiras essa experiência. Chama a atenção é que, embora todos os trabalhos de campo apresentassem objetivos muito específicos, nem sempre estavam circunscritos a conteúdos emanados dos planos de ensino. *Cecília e Moore* defendem uma educação mais libertária, mais estimulante e capaz de desenvolver habilidades de relacionamento interpessoal e intrapessoal. Até por isso, há maior abertura ao se reconhecer outras reações dos discentes, que não necessariamente aquelas oriundas de atividades avaliativas.

Já *José, Michal e Scarlet*, a despeito da ênfase nas correlações com os conteúdos ministrados, embora não explicitasse detalhes sobre as formas pelas quais o lazer se manifesta nessa prática de ensino, reconhecem, ainda que de maneiras diferentes, a presença do lazer nessas ações. Ainda no que tange às entrevistas, é oportuno salientar que todos os cinco educadores que se fazem valer de trabalhos de campo reconhecem a presença do lazer nessa prática de ensino.

Ao comparar as pesquisas realizadas junto a cursos superiores de turismo no Brasil acerca dos trabalhos de campo e o uso dessa prática de ensino dentre os entrevistados, alguns pontos são percebidos: primeiramente, se nota uma difusão de terminologias, com

destaque para visitas técnicas, viagens didáticas e termos capazes de remeter ao turismo, como city-tour.

Um segundo ponto digno de atenção é relativo à certa ambiguidade quanto à presença do lazer. Quando não silenciado, sua presença, quando legitimada, é pouco explicitada pelos docentes, mais preocupados, ao que parece, com a busca por cumprir as tarefas programadas junto às disciplinas.

Um terceiro aspecto passível de investigações futuras é a observância, nos projetos pedagógicos dos cursos superiores de turismo no Brasil, aos termos pelos quais os trabalhos de campo são entendidos, bem como a presença do lazer nesses documentos. Isso se justifica, entre outros aspectos, pela ausência de menções a essa prática de ensino entre 26 professores de cursos superiores de turismo entrevistados. Silêncio esse que talvez esteja assentado na própria ausência dessa prática junto aos currículos dos cursos de graduação do país.

REFERÊNCIAS

- Anjos Junior, E. S. dos. (2021). *O audiovisual na prática de docentes do ensino superior em turismo no Brasil: interfaces e tensões com o lazer*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Belo Horizonte.
- Brito, A. S., Rosa, J. P. da & Perinotto, A. R. C. (2012). Turismo pedagógico como prática educativa no ensino superior: O caso do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Piauí – UFPI (Parnaíba/Brasil). *Turismo y Desarrollo Local*, volume 13.
- Camargo, L. O. de L. (1986). *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense.
- Carvalho, R. C. O. de, Vieira, S. & Viana, M. dos S. (2012). Visitas técnicas: ensino-aprendizagem no curso de Turismo. In: *Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, 9. São Paulo.
- Cooper, C., Shepherd, R. & Westlake, J. (2001). *Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade*. São Paulo: Roca.
- Dumazedier, J. (1973). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Faria, A. A. M. de. (2009). Aspectos de um discurso empresarial. In: Carrieri, A. de P., Saraiva, L. A. S., Pimentel, T. D. & Souza-Ricardo, P. A. G. (Org). *Análise do discurso em estudos organizacionais*. Curitiba: Juruá, p. 45-52.
- Fiorin, J. L. (2007). *Linguagem e ideologia*. 8.ed. São Paulo: Ática.
- Gomes, C. L. (2008). *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Gomes, C. L., Ramos, A. M. O & Serejo, H. F. B. (2010). Conhecimentos sobre o lazer nos cursos de Graduação em Turismo de Minas Gerais, *Revista Turismo em Análise*, 21(2), p. 357-380.
- Gomes, C. L. (2011). Estudos do Lazer e Geopolítica do Conhecimento. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 14(3). Acesso em 27 de outubro de 2021 de <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2011.762>
- Gomes, C. L. & Elizalde, R. (2012). *Horizontes Latino-americanos do Lazer/Horizontes Latinoamericanos del ocio*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Gomes, C. (2014). Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. *RBEL - Revista Brasileira de Estudos do Lazer*.

- Gomes, C. L. & Melo, V. A. (2003). Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 2344, jan./abr.
- Isayama, H.F. & Gomes, C.L. (2008). O lazer e as fases da vida. In: Marcellino, N. C. *Lazer e sociedade: múltiplas relações*. Campinas, SP: Alínea.
- Kiyotani, I., Araújo, R., & Oliveira, S. (2022). Transpondo muros: as visitas de campo como metodologia de ensino-aprendizagem nos cursos de turismo. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, 16(1), 1-21. Recuperado de doi:<https://doi.org/10.17648/raoit.v15n4.6197>.
- Marcellino, N. C. (1990). *Lazer e Educação*. Campinas/SP: Papirus.
- Masetto, M. (2003). Docência universitária: repensando a aula. In: Teodoro, A. *Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia pela curiosidade da formação universitária*. Ed. Cortez: Mackenzie, p. 1-17.
- Mendes, F., Campos, R., Cruz, S., & Quaresma, H. D. (2017). O Parque Nacional de Jericoacoara na percepção dos discentes do curso de Turismo da UFPA. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.10, n.1, fev/abr, pp.49-63.
- Nora, G. D. O trabalho de campo para o profissional do turismo. (2011). Anais do VIII Congresso Nacional de Ecoturismo e do IV Encontro Interdisciplinar de Ecoturismo em Unidades de Conservação. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.4, n.4, p. 539.
- Resolução nº 13, de 24 de novembro de 2006. (2006). Homologa as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo. Recuperado de http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces13_06.pdf.
- Rolim, L. C. (1989). *Educação e lazer, a aprendizagem permanente*. São Paulo: Ática.
- Santos, B. de S. & Meneses, M. P. (Orgs.). (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez.
- Schulze, T. R. (2009). Em busca do Humanismo: um olhar sobre a visita técnica nos cursos de turismo a partir da teoria crítica em currículo. *Olhar De Professor*, 8(1). Recuperado de <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1427>.
- Ulian, F. (2017). O Campo como Laboratório: Relevância das Viagens Didáticas na Formação do Profissional em Lazer e Turismo – Estudo de Meio em Curitiba/PR. *Revista De Graduação USP*, 2(2), 125-128. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/issn.2525-376X.v2i2p125-128>.
- Veloso, M. P. (2003). *Visita técnica: disciplina curricular para os cursos de Turismo*. (2003). Monografia (Especialização em Docência e Pesquisa em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Brasília, Brasília.

Continuação da nota biográfica dos autores

***Pós-doutorado em Geografia e Turismo pela Universidade de Barcelona (2024), com continuidade na Universidade de São Paulo/USP (2025). Pós-doutorado em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade Nacional de Cuyo, Argentina (2012). Doutora em Educação (2003), Mestra em Ciências do Esporte (1995), Especialista em Lazer (1993) e Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (1992). Professora Titular na UFMG, lecionando no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Pesquisadora do CNPq na área do Turismo. Membro do Comitê Diretor do Comitê Científico RC13 - Sociologia do Lazer, na Associação Internacional de Sociologia. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3397229266029271>; Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0075-289X>; [chrislucegomesufmg@gmail.com]

***Doutora e Mestra em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Graduada em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, licenciada em Artes Visuais e Geografia pelo Centro Universitário da Escola Técnica Everardo Passos (SP). Técnica em Guia de Turismo pelo Centro de Profissionalização e Educação Técnica/CPET e credenciada no Cadastur em Guia de excursão Nacional e América do Sul/ Guia Regional Minas Gerais com especialidade em áreas naturais. Atualmente é Professora Substituta no Curso Técnico em Guia de Turismo do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Campus Santos Dumont (MG), tendo atuado também como Professora Substituta no Departamento de Turismo da UFJF. É co-líder do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Educação e Lazer (DELAZ) que atua em pesquisas e projetos de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de lazer, educação e patrimônio cultural. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3151743022331892>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4942-1477>; [romildaalopes@gmail.com]

CRediT author statement

Term	Definition	Author 1	A2	A3
Conceptualization	Ideas; formulation or evolution of overarching research goals and aims	x	x	x
Methodology	Development or design of methodology; creation of models	x		
Software	Programming, software development; designing computer programs; implementation of the computer code and supporting algorithms; testing of existing code components	x	x	x
Validation	Verification, whether as a part of the activity or separate, of the overall replication/ reproducibility of results/experiments and other research outputs	x	x	x
Formal analysis	Application of statistical, mathematical, computational, or other formal techniques to analyze or synthesize study data	x	x	x
Investigation	Conducting a research and investigation process, specifically performing the experiments, or data/evidence collection	x	x	x
Resources	Provision of study materials, reagents, materials, patients, laboratory samples, animals, instrumentation, computing resources, or other analysis tools	x	x	x
Data Curation	Management activities to annotate (produce metadata), scrub data and maintain research data (including software code, where it is necessary for interpreting the data itself) for initial use and later reuse	x	x	x
Writing - Original Draft	Preparation, creation and/or presentation of the published work, specifically writing the initial draft (including substantive translation)	x	x	x
Writing - Review & Editing	Preparation, creation and/or presentation of the published work by those from the original research group, specifically critical review, commentary or revision – including pre- or post-publication stages	x	x	x
Visualization	Preparation, creation and/or presentation of the published work, specifically visualization/ data presentation	x	x	x
Supervision	Oversight and leadership responsibility for the research activity planning and execution, including mentorship external to the core team	x	x	x
Project administration	Management and coordination responsibility for the research activity planning and execution	x	x	x
Funding acquisition	Acquisition of the financial support for the project leading to this publication	x	x	x

Source: reproduced from Elsevier (2022, s/p), based upon Brand et al. (2015).

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial
Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido / Received / Recibido: 21.09.2025; Revisado / Revised / Revisado: 02.11.2025; Aprovado / Approved / Aprobado: 12.11.2025; Publicado / Published / Publicado: 19.11.2025.

Documento convidado / Invited paper / Artículo invitado.